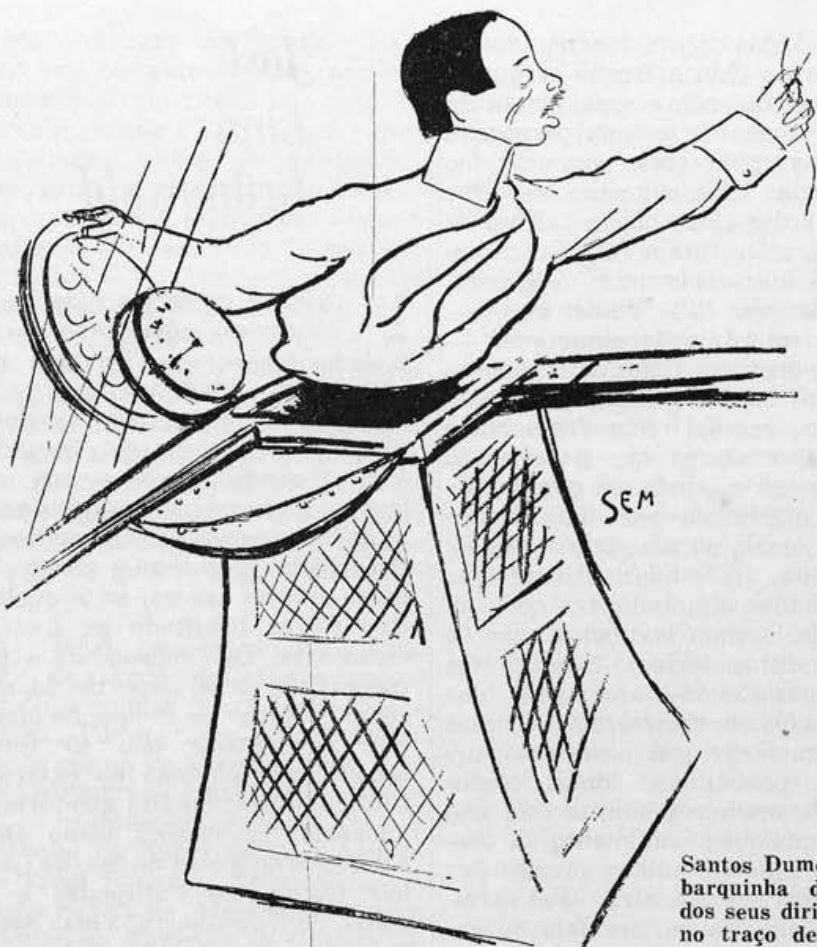


## Uma alegria selvagem

*Jurandy  
Passos  
Noronha*



Santos Dumont na barquinha de um dos seus dirigíveis, no traço de SEM

Durante dois anos o documentarista Jurandy Noronha (*A Medida do Tempo, O Monumento*) investigou em arquivos particulares e em depósitos esquecidos material filmado e fotográfico sobre Santos Dumont, descobrindo ocasionalmente raridades que o tempo já começava a desgastar. Dessa tarefa típica do pesquisador cuja meta é reconstituir documentos da História e perpetuá-los em filmes, nasceu *Uma Alegria Selvagem*, curta-metragem de 13 minutos produzida pelo INCE, com direção e roteiro de Jurandy Noronha, fotografia de Hélio Silva, montagem de Julio Heilbron, animação de Jorge Bastos e Mariano Wach e música de Rogério Duprat.

Certa vez, no laboratório hoje inexistente da Filmes Artísticos Nacionais, eu estava tentando identificar o material semi-abandonado num monte de latas já enferrujadas. A «moviola», se assim podia ser chamada, era um daqueles «olhos-de-boi», funcionando manualmente, com duas manivelas para frente e para trás e que deveriam estar no museu de cinema que ainda não organizamos no Brasil.

Súbito, «fiquei estupefato, muito de espanto», para usar as palavras de Louis Blériot sobre os feitos de Santos Dumont em outubro e novembro de 1906. À minha frente, nítido, aparecia o campo de Bagatelle e o «14-BIS»...

O choque, a revelação tremenda fôra ainda maior porque os primei-



O caricaturista SEM vê Dumont com o Rei Leopoldo da Bélgica, numa exposição de automóveis

ros fotogramas já mostravam o «canard» em pleno vôo. Devo ter aproximado, sôfrego, o rosto do visor e me recordo de haver descarregado a geringonça com a qual trabalhava — ela também autêntica contemporânea do «14-BIS» — puxando todo o rôlo para o prato da direita.

Levantei-me e fui falar com Alexandre Wulfes:

— Não sabia da existência daquela preciosidade...

Depois, não sei quantas e quantas vêzes, até ficar com os braços cançados, revi as cenas que um desconhecido cinegrafista filmara para a posteridade. Creio que nesse dia nasceu o meu fascínio pelos filmes de arquivo, a minha preocupa-

ção pelos seus problemas de preservação.

Muito tempo depois, num trabalho mais de jornalismo, de pesquisa, lado a lado com cenas de arquivo europeu eu poderia juntar momentos captados por repórteres brasileiros ou aqui radicados: as corridas de automóveis de 1909, do português Paulino Botelho; a chegada de Santos Dumont ao Rio, à 2 de janeiro de 1914, do italiano Musso; o treinamento no Campo de Marte, em 1922, do veterano Gilberto Rossi ou ainda as cenas do Museu Nacional, de autor desconhecido. Como tudo se transfigurava em montagem com o Bois de Boulogne, o dia da travessia aérea pioneira da Mancha, a 1ª Grande Guerra, os balões-livres na Taça Gordon Bennett e o «som-direto»

trazendo a voz de Santos Dumont gravada à 10 de junho de 1930...

Trabalho de jornalismo, de pesquisa, sim. E com que fabuloso material fotográfico, demonstrando inclusive o senso do assunto e até de angulação dos profissionais do fim e princípio do século. Homens anônimos, operando com chapas-de-vidro, possibilitavam a que as animássemos agora, através dos movimentos das câmeras-fixas de um Jorge Bastos ou um Mariano Wach. E aqui cabe lembrar Georges Goursat, o caricaturista «SEM», até hoje ainda entre os maiores da imprensa francesa, pela observação dos seus traços também um documentarista: como Flaherty, como Rugendas ou os fotógrafos do Campo de Santana.